

OS CANDIDATOS AFIAM AS SUAS LÂMINAS

Leitão arma seu jogo enquanto os presidenciais trocam golpes no escuro

Exatamente como previu o governador mineiro Tancredo Neves, a abolição do presidente João Figueiredo das funções de coordenador da sucessão presencial transformou a disputa pelo Palácio do Planalto numa “briga de foice num quarto escuro”. O primeiro golpe de lâmina foi desferido pelo vice-presidente Aureliano Chaves. Para acertar o pescoço do ministro Mário Andreazza, cuja candidatura ficou anêmica com o recuo de Figueiredo, o vice-presidente anunciou que só seria candidato se chegasse à convenção do PDS como o único opositor do deputado Paulo Maluf – ou seja, se Andreazza saísse de campo.

A lâmina cortou a escuridão e, na sexta-feira, para surpresa de Aureliano, acertou seu próprio pé. Andreazza, que passou de um estado de abatimento inicial para uma ofensiva de viagens, disse em Salvador que é candidato de qualquer maneira, “com dois três ou quatro adversários” – ou seja, se Aureliano mantiver sua posição, terá que renunciar à candidatura.

No quarto escuro só não entrou a foice do ministro do Exército, general Walter Pires. Na última sexta-feira, na mais cabal manifestação de que o ministro não quer seu nome envolvido nesta briga, o general Glênio Pinheiro novo chefe do Centro de Comunicação Social do Exército e porta-voz oficial da Arma, anunciou três fatos: Pires não é candidato, não é membro do Colégio Eleitoral e não indicará nomes para a sucessão de Figueiredo. Ou seja, quem tem tanques não se mete em briga de foice.

Enquanto isso, em Washington, onde entrevistou-se com o secretário de Estado George Shultz, o deputado Paulo Maluf, fortalecido pela abdicação de Figueiredo, afia sua própria foice. Pretende desembarcar no Brasil nesta semana para iniciar uma rápida operação que culminará no lançamento formal de sua candidatura, depois de uma possível audiência com o presidente da República. Foice vai, foice vem, o senador Marco Maciel, outro candidato, defendeu a necessidade de adiamento da convenção do PDS, que a lei obriga a ser realizada até setembro. Com esse golpe ele pretendeu ganhar tempo à espera que de um impasse venha a surgir uma preferência pelo seu nome. Mal movimento de foice de Maciel atravessou o quarto, duas outras lâminas, uma saída do Palácio do Planalto e outra da equipe de Andreazza, voltaram a agitar a escuridão em sentido oposto. Pretende-se antecipar a convenção do PDS, se possível, para julho. Como o quarto está escuro, essas duas foçadas parecem atender ao mesmo objetivo, mas, na realidade, partem de manobras muito diversas.

VÁLVULA DE ESCAPE – Uma é a de Andreazza, que se julga depositário do maior cacife de votos entre os convencionais e está seguro de que, se Figueiredo anunciar a adesão ao seu nome, esmaga Maluf. Para o ministro do Interior, porém, é essencial que a definição do presidente venha logo, pois sua candidatura sangra, enquanto a de Maluf engorda - daí, a necessidade de subtrair ao rival a vantagem que o correr do tempo lhe confere. Outro lance porém, revela que a dentro do governo um jogo muito mais complexo em relação à sucessão, batendo de longe o simples combate que hoje está

centralizado nos nomes de Maluf, Aureliano e Andreazza. É a manobra do professor João Leitão de Abreu, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República.

Falando pouco, Leitão arma uma válvula de escape para a briga de foices. Ele tenta chegar ao interruptor e ascender a luz do quarto. Se conseguir acabar com a escuridão, permitirá a entrada da oposição no combate, que então passará a ser uma briga com mais foiceis, so que agora num quarto iluminado a estratégia de Leitão ficou mais claras nas ultimas semanas, quando ele repetiu em diversas ocasiões que “se o deputado Paulo Maluf saiu vitorioso da convenção do PDS, vamos combatê-lo no Colégio Eleitoral”.

Esse anuncio, à primeira lista pode parecer uma fantástica revelação – seria o caso inédito de um governo querendo derrotar o candidato do seu próprio partido, aliando-se para tanto à oposição, cujas forças dividem com o PDS os 686 acentos do Colégio Eleitoral. Na verdade, o anuncio é um truísmo, pois qualquer candidato do PDS pode ser derrotado Colégio Eleitoral, no dia 15 de janeiro de 1985, desde que haja um acordo entre os partidos opositoristas em torno de outro nome e que ele seja capaz, além disso, de capturar trinta infiéis dentro da bancada do governo. Leitão arma pacientemente uma manobra tão audaciosa quanto difícil na execucao. Admitindo-se a hipótese de Maluf de vencer a convenção do PDS o Planalto aceleraria seus contatos com o PMDB, PTB e o PDT, em busca de um projeto de união nacional que tornaria o candidato dele resultante um nome praticamente embatido no Colégio Eleitoral.

Paulo Maluf, na quarta-feira passada, em Washington:

“ministro tem que morar em apartamento funcional. Os homens que não aceitarem o meu programa de austeridade não farão parte do meu governo. Ministro não vai comer por conta do governo”.

“na Presidência convocaria uma comissão pluripartidária para estudar a reforma da Constituição e debater a institucionalização de eleições diretas para a presidente”

Mário Andreazza, na quinta-feira passada, em Maceió:

“promoverei uma reforma constitucional para restabelecer as prerrogativas do Poder Legislativo e reduzir o mandato presidencial”.

“JOGADA DO GOLBERY” – Essa manobra é extremamente difícil pois não há certeza de que o presidente Figueiredo a patrocine publicamente. Ademais é de difícil execução pois se um candidato da oposição pode tirar votos de Maluf no PDS, Maluf também pode tirar votos na oposição. Por via das duvidas um dos esteios malufistas – o general Golbery do Couto e Silva, que na semana passada teve um longo encontro com o “golbery” do próprio Maluf, o empresário Calim Eid – passou sua foice na direção do chefe do Gabinete Civil e revelou ao jornalista Tão Gomes Pinto, da Folha de S.Paulo, que, no seu entender, o candidato de Leitão, é o banqueiro e ex-prefeito de São Paulo, Olavo Setúbal.

Setúbal e Leitão rebateram. “Fui acordado com a noticia e quase cai de costas”, disse Setúbal. “Isso é mais uma jogada do Golbery. Quando um bruxo fala agente sempre pensa em maquinações. A minha interpretação é que ele está tentando prejudicar o

Leitão de Abreu para beneficiar o Maluf. Não sou candidato a presidente e sim a governador de São Paulo”, acrescenta Setúbal. Leitão de Abreu por seu lado, foi mais seco “Eu não creio que o general Golbery, por mais bem informado que se julgue, possa saber a meu respeito coisas que eu ainda não sei”, diz Leitão. “acredito que aí estamos diante de uma questão de pura lógica”.

Ninguém sabe em que direção vai a manobra do chefe do Gabinete Civil e ele mesmo já explicou numa ocasião que a preliminar é o acordo entre uma parte da oposição e o governo. Havendo o acordo, daí surgirá o nome. Leitão é conhecido por repetir que “ao contrário do que se aprende Maquiavel, para quem os fins justificam os meios, deve-se perceber que os meios têm a capacidade de moldar os fins”.

FOICES EXIBIDAS – inicialmente, acreditou-se a tese da união nacional levaria inevitavelmente ao nome do governador Tancredo Neves. Ele, porém, nunca deixou de lembrar que para se candidatar à presidência da República precisaria renunciar ao governo de Minas Gerais antes de cumprir a metade do mandato, o que lhe parece uma manobra arriscada. Além disso, Tancredo teria a oposição do vice-presidente Aureliano Chaves, seu rival em Minas, da mesma forma que Aureliano é discretamente esfoiceado por Tancredo. Na sexta-feira, o secretário-geral do PMDB, Affonso Camargo Netto, anunciou que nenhum governador do partido pretende se desincompatibilizar para disputar a Presidência, dando a impressão de que a cabeça a nomes possa se dar entre celebridades que até agora foram pouco mencionadas. Daí o palpito de Golbery.

Se as foices dos candidatos são protegidas pela escuridão do quarto, outras são claramente exibidas. O comandante do I Exército, General Heraldo Tavares Alves, a algumas semanas ao governador Leonel Brizola que a sua idéia de realizar uma passeata em favor das eleições diretas no centro do Rio era inquietante e arriscada, pairando no ar a hipótese de uma intervenção no Estado. Brizola assombrou-se e enviou uma carta ao presidente Figueiredo, esclarecendo que não pretende convulsionar a situação política. Uma cópia dessa carta chegou ao ministro do Exército, Walter Pires de Albuquerque. Ao lado disso, emissários de Brasília, com a intenção de informar ou de assustar o governador Franco Montoro, fizeram no saber que São Paulo corre risco de ficar sob medidas de emergências caso o comício pelas diretas previsto para o dia 25 não seja dirigido pela Presidência da República.

Para estratégia de Leitão de Abreu, é indispensável que se chegue ao dia 15 de abril em paz, pois nesta data fatal acabaram as possibilidades de transmissão de uma emenda constitucional destinada a mudar o sistema de eleição. A partir daí, uma boa parte do PMDB poderá negociar um nome para ser eleito através do processo indireto. Setúbal, nesse caso, é uma indicação óbvia para qualquer lista, apesar de não pertencer ao partido. Outro nome que circulou na semana passada em Brasília foi o do ex-governador do Paraná, Jaime Canet Jr., que imigrou da Arena para o falecido PP e hoje está no PMDB. “Isso é uma loucura”, disse Canet em Curitiba. O ex-governador, porém levanta a ponta do vel de conversas que circulam dentro do jogo da união nacional. Na última quarta-feira o senador Affonso Camargo, secretário-geral do PMDB e também paranaense falou-lhe do nome de Setúbal, que Canet considerava uma grande solução”,

MESA DE QUIBES – A construção da manobra que levaria a Setúbal, Canet ou qualquer outro nome de união nacional esbarra em diversos obstáculos um deles é o enigma do envolvimento de Figueiredo no plano, sobretudo porque sobrevive áreas nos quais se assegura que o presidente quer ver Andreazza no seu lugar. Outro é a má tradição histórica das articulações políticas do Planalto, onde brilham o fracasso das manobras destinadas a impedir a fusão PMDB-PP e a própria incompetência para conter o deputado Paulo Maluf. Finalmente, os fatos mostra que, se o Planalto acumula sucessões de erros, Maluf livra-se de suas foices e, com a desinibição que o caracteriza vai em frente.

Na semana passada, por exemplo, ele deu um exemplo claro de seu estilo de campanha ao conseguir, nos Estados Unidos, onde se encontra desde as festas de fim de ano, uma audiência com o secretário de Estado George Shultz, depois de tentar uma conversa com o presidente Ronald Reagan. O deputado estava na ante-sala de Shultz quando dela saio o embaixador da Arábia Saudita nos Estados Unidos. O secretário de Estado apresentou o a Maluf que, imediatamente, começou uma conversa em árabe com o diplomata, informando-o de que conhece seu país, onde “já estive com dois de seus reis, o falecido Khaled e o atual, Fahd”. Em seguida convidou-o a passar por São Paulo para “comer um kibe cru”. Shultz não entendia uma palavra e, quando Maluf traduziu o que dissera, acrescentou: “O senhor sabe o que é kibe cru? É um prato parecido com bife tártaro”. Para os malufistas a mesa de kibes será farta e movimentada. Eles acreditam que se o seus adversários abandonarem a linha de combate da convenção, como abandonaram a da coordenação, a caravana irá enfrente. Afinal, nada impede que depois de vencer no PDS Maluf propunha um pacto de união nacional à sua maneira.

Crédito: Revista Veja/Editora Abril

Fonte: Revista *Veja*, edição 801, 11 jan. 1984, p.20-22.